

Conferência de Marc Darmon: “O objeto é um tema?”¹

Thierry Roth – Boa noite. Só uma palavrinha para lhes apresentar este novo grande seminário da ALI² que se intitula “A invenção do objeto *a*: o que fazemos com ela?” Vocês sabem que o grande seminário é importante para nós, e ele é transmitido pelo Zoom. É um seminário coletivo que a ALI organiza há alguns anos, com uma conferência por mês até o mês de junho, e um debatedor a cada vez. Vocês têm o programa no *site* e nos folhetos na sala. Esta noite, iremos escutar Marc Darmon, que escolheu como título: “O objeto é um tema?” e Roland Chemama será o debatedor. Marc, eu lhe passo a palavra.

Marc Darmon – Obrigado. Vocês escutam bem? Para começar, eu estou constrangido por estar um pouco atrasado, mas perdemos os hábitos da era anterior ao confinamento! Então, esse tema foi escolhido também em função – como fui eu que escolhi, eu penso que é isso –, em função do estudo dos diferentes seminários de verão, o que concluímos, que foi sobre a *Identificação*³, e o do ano que vem, o estudo da *Angústia* – não a angústia – que está na ordem do dia, e, portanto, o que une os dois seminários é, em particular, a invenção por Lacan do objeto *a* minúsculo. Ele é discutido no Seminário sobre *A Identificação*, de uma maneira muito clara, uma vez que Lacan propõe mesmo uma topologia, e no Seminário seguinte sobre *A Angústia*⁴, Lacan especifica o que ele entende por objeto *a* minúsculo, o que ele próprio qualificou de invenção. Devo dizer que, nesse Seminário sobre *A Identificação*, temos pouca coisa sobre o objeto *a*, essas coisas são precisadas e se tornam absolutamente interessantes no Seminário seguinte, *A Angústia*.

Então, trata-se também, na segunda parte da frase que escolhemos como título, o objeto *a* – a única invenção de Lacan, segundo ele próprio – o que fazemos com ela? Não se trata de mostrar, é claro, que compreendemos o que é o objeto *a*, e que vamos tentar explicar aos senhores, e que nos contentaríamos com isso. Esse não é o caso. Seria o caso se estivéssemos na universidade, num ensino teórico de psicanálise onde se trata de formar professores de psicanálise, e não analistas. Portanto, uma das missões, das obrigações, poderíamos dizer, desse seminário é mostrar ou não mostrar como podemos nos servir do

¹ Há um duplo sentido no título, pois em francês *sujet* pode ser tanto *tema*, *assunto*, quanto *sujeito*. Texto original disponível em: <https://www.freud-lacan.com/getpagedocument/29306>

² ALI – Association Lacanienne Internationale.

³ LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 9: a identificação* [1961-1962]. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003. Publicação não comercial.

⁴ LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 10: a angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

objeto *a* em nossa clínica e, em nossa clínica em extensão, como o objeto *a* intervém no campo cultural, social. Então, tentemos nos aproximar dele.

Eu disse, no início, que era uma invenção de Lacan que é especificada entre o *Seminário A Identificação* e o *Seminário A Angústia*. O que era antes o objeto *a*? Para falar a verdade, é muito difícil encontrar as premissas do objeto *a* nos seminários precedentes, mas encontramos premissas literais. Não é por nada que Lacan escolheu a primeira letra do alfabeto para nomeá-lo. E o objeto *a* minúsculo assim nomeado, foi escrito e nomeado antes mesmo da sua invenção. De onde vem ele? A letra *a* é a inicial de *autre* [outro] que encontramos no *Seminário O desejo e sua interpretação* ou no *Seminário As Formações do Inconsciente* como o que escreve o pequeno outro, o semelhante, a imagem no espelho, etc.

Mas, antes mesmo de escrever a inicial do outro [*autre*] com um *a* minúsculo, tal como encontramos no esquema L ou no esquema R, *a* minúsculo é a escritura de Freud quando ele apresenta, no *Projeto para uma psicologia científica*, quando ele apresenta a Coisa. Com efeito, quando ele fala da Coisa, enquanto parte constante do Outro, o Outro pessoa, o Outro assegurador, ou seja, a mãe, ele diz que há uma espécie de... Há dois neurônios que correspondem à percepção desse Outro, o neurônio *a* que é a Coisa, e o neurônio *b* que é a parte variável. Portanto, reconhecer o objeto – o objeto no sentido mais comum – faz coincidir a parte variável com a parte constante. Freud dá o exemplo do bebê no seio, trata-se para o bebê de reencontrar essa primeira experiência de satisfação na qual o objeto, o seio, estava numa posição particular; a criança vai ser confrontada com um neurônio *a* minúsculo, e um neurônio *c* minúsculo, que será a parte dessa percepção que é diferente da primeira experiência. Todo o trabalho vai ser modificar a posição da cabeça até passar de *c* a *d*. Retenhamos que Freud escolheu a letra *a* minúsculo para falar da coisa constante, e eu creio que isso não escapou a Lacan desde que se trata de escolher uma letra para escrever esse famoso objeto. Isso nos indica que há uma filiação com a Coisa, e é precisada, nos seminários seguintes, a relação entre o objeto *a* minúsculo e a Coisa; e, por outro lado, como eu lhes disse, uma relação entre *a* minúsculo e a inicial do pequeno outro. Então, eis aí isso que diz respeito à pré-história do objeto *a*, pré-história dessa invenção.

Então, como dissemos, o objeto *a* é a escrita de um objeto. Mas esse objeto é uma invenção, no sentido de que não corresponde, de forma alguma, ao que entendemos habitualmente por objeto. O objeto tradicional do filósofo – há um sujeito do conhecimento e um objeto –, que retoma, portanto, uma dupla que salta aos olhos por sua evidência, sujeito/objeto, não é desse sujeito e desse objeto que se trata. Então, de qual sujeito e de qual

objeto se trata? Bem, isso é definido no *Seminário A Angústia*: esse não é um objeto que é visado pelo desejo, é o objeto como causa do desejo, e é o objeto que, poderíamos dizer, alimenta o desejo. Não é, portanto, o objeto que é visado. Não é o objeto da fantasia [*fantasme*] no sentido em que a fantasia é uma representação imaginária de uma estrutura estabelecida pelo objeto *a*. Por conseguinte, considerar o objeto visado pelo desejo ou o objeto da fantasia é um atalho e um engodo.

Porém isso é delicado porque, por outro lado, Lacan nos fornece uma lista dos objetos *a*: o seio, o olhar, a voz, o pênis... Como conciliar essas duas abordagens? No meu entender, isso está ligado à pré-história do objeto *a*, em particular ao que Freud entendia por objeto da pulsão. O objeto da pulsão, nos diz Freud, é o que há de mais variável na pulsão. O objeto da pulsão é algo próximo do que foi chamado objeto parcial. Logo, o objeto da pulsão não é o objeto *a*. Como fazer, então, uma representação do objeto *a*? Bem, é impossível. Não podemos fazer uma ideia dele, desse objeto *a*. Lacan fez antes uma topologia dele. E, na topologia inventada por Lacan, o objeto *a* se reduz a um corte, um corte sobre uma superfície que ele encontrou nos topólogos, o *cross-cap*. Não existe definição do objeto *a*, não existe uma imagem, mas existe uma topologia do objeto *a*. Uma topologia que é diversa. Só existe um objeto *a*, mas este é susceptível de se manifestar segundo quatro topologias: estas são as quatro superfícies que obtemos fechando de novo o corte, a incisão efetuada sobre uma superfície como o toro ou a esfera. Isso nos dá quatro topologias. A partir da esfera, obtemos a topologia do *cross-cap*; a partir do toro, fazendo uma incisão sobre o toro e colando de novo, de certa maneira, podemos obter a garrafa de Klein; fechando de novo a esfera de modo a obter outra esfera, a esfera, em poucas palavras, é uma das formas do objeto *a*.

Portanto isso dá: 1) a esfera, 2) o *cross-cap*, 3) o toro de Klein, e o que sobra? O toro ordinário, o mais ordinário do mundo, já que se trata do toro susceptível de sustentar, de estruturar a neurose, porque Lacan se lançou em uma ilustração clínica dessas quatro topologias. Dissemos que o toro suportaria a estrutura da neurose com seu toro complementar; o *cross-cap*; o que ele diz sobre o *cross-cap*? Ele não diz muita coisa, apenas dá a entender que é uma estrutura normal, nem neurótica, nem psicótica, nem perversa. O toro de Klein é justamente a estrutura perversa, e poderíamos dizer que a esfera, em poucas palavras, é uma estrutura marcada pela oralidade com suas manifestações clínicas que são ligadas à anorexia, à bulimia ou à psicose maníaco-depressiva. Vocês podem ver tudo isso, é muito grosseiro e muito rápido, mas Lacan não hesitou em pesquisar nas diferentes estruturas topológicas essas estruturas clínicas.

Vocês podem ver que estamos muito distantes, nessa topologia, de uma representação que suporia um sujeito em busca de um objeto, por que dizer, pois, que o objeto *a* é o objeto causa do desejo e o objeto do desejo? O objeto *a* é causa do desejo na medida em que o objeto *a*, como dissemos, alimenta o desejo. Como compreender isso? Eu lhes proponho minha maneira de compreender isso a partir do *Seminário A Identificação*, com essas voltas da demanda que se repete sobre o toro; nessa descrição topológica, isso não supõe um desejo primeiro. É da demanda e do malogro do objeto da necessidade pela apreensão na demanda, na repetição do traço unário em torno do furo periférico do toro, que podemos falar, no final dessas voltas, se há um retorno sobre ele próprio dessa... – no *Seminário A Identificação*, é um traço, mais do que um corte – e quando há retorno sobre ele próprio desse traçado, aparece uma volta suplementar, como vocês sabem, que é a volta em torno do furo periférico, perdão, do furo central do toro. É algo que vocês conhecem de cor pelo estudo do *Seminário A Identificação* no ano passado.

Podemos dizer que o desejo nasce nesse momento, na diferença do traçado ao redor do furo periférico, ao redor do objeto da necessidade, é a autodiferença desse traçado em relação a si mesmo que introduz o desejo. E vejam, é um desejo absolutamente curioso, uma vez que é ligado à autodiferença do significante em relação a si mesmo. É um desejo que, ainda que ele encontre aí seu ponto de partida, é fabricado a partir de nada, a não ser a partir da autodiferença do significante. E esse desejo, que gira em torno do furo central do toro, não se confunde com isso que o sujeito parece demandar, ou seja, algo que satisfaça sua necessidade.

Depois, foi preciso um *tour de force* topológico de Lacan para chegar a essa rodela do *cross-cap* a partir do recorte de um toro, é o que ele realiza no texto “O Aturdito”⁵ [*L’Etourdit*], como a partir do recorte do toro em uma fita de Moebius dupla, e graças ao recolamento dessa fita de Moebius dupla, nós obtemos uma fita de Moebius que vai se completar, seja pela rodela, seja por outra fita de Moebius, e reencontramos as diferentes topologias acerca das quais eu lhes falava há pouco. Portanto, a partir do toro, Lacan efetivamente nos mostra, em “O Aturdito”, sem nenhum desenho, voluntariamente, como realizar essa série de cortes que deve ser compreendida como a ação do discurso sobre si mesmo, e como isso produz, a partir do nada do qual falei há pouco, o contorno do objeto.

Então, isso não nos diz como se servir desse objeto *a* para a clínica que nos ocupa hoje, mas darei alguns elementos para compreender como nos servirmos dele nesse nível. O

⁵ LACAN, Jacques. O aturdito [1972]. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 448-497.

objeto *a* tem avatares; é ainda mais claro de ser compreendido a partir da topologia dos nós e das cadeias, onde o objeto *a* toma lugar na superposição dos três furos. No nó borromeano, há uma superposição dos três furos que são os três aros R, S, I, logo compreendemos melhor como esse lugar central do objeto *a* pode ser ocupado por outra coisa que não o objeto *a*, em particular, por isso que Lacan chamou as *latusas*⁶. Isso decorre do fato de que o objeto *a* é o objeto definido como cedível na Angústia. Qualquer *gadget* pode substituí-lo com a condição de ser intercambiável. Há uma espécie de encontro feliz entre o objeto do modo de troca capitalista e o objeto *a*. Especialmente porque, na sociedade, a promoção do gozo é ainda mais destacada que o ponto central do *cross-cap*, o ponto fálico, que era suscetível de dar toda a estrutura do *cross-cap*, no nó borromeano, esse ponto fálico é apagado ou deslocado para a periferia. Eis aí o que eu queria lhes dizer essa noite, para relançar nosso trabalho, e espero que vocês tenham muitas reações e contestações a respeito disso que eu acabo de lhes comunicar. Obrigado.

Debate

Roland Chemama – Obrigado, Marc. Na verdade, podemos lhe fazer perguntas, é claro. Contestá-lo me parece difícil porque, como de costume, você faz uma exposição concisa, mas onde há tudo, talvez não absolutamente tudo, o que permitirá discutir um pouquinho. Mas também, sobretudo, uma exposição que traz pontos acerca dos quais não pensamos muito, pois, quando pensamos sobre o objeto *a*, pensamos numa relação com *i(a)* da qual isso se destaca, a imagem do outro, mas isso que você cita da escrita de Freud, isso me impactou pela sua exatidão e sua maneira de encadear um tema que poderia parecer, pelo seu lado de invenção, algo de radicalmente novo, mas que assim mesmo encontra suas premissas.

Então eu não vou lhe fazer muitos cumprimentos, você colocou tão bem como Lacan, que não fez nenhum desenho, uma vez que você também percorreu a topologia falando muito livremente, é muito bom, depois cada um verá as diferentes coisas que você evoca. Quanto a mim, diria o seguinte, este ano, nós colocamos: o objeto *a*, o que fazemos com ele? Se você

⁶ “No que diz respeito à insubstância feminina, eu iria até a *parusia*. E quanto aos pequenos objetos *a* que vão encontrar ao sair, no pavimento de todas as esquinas, atrás de todas as vitrines, na proliferação desses objetos feitos para causar o desejo de vocês, na medida em que agora é a ciência que governa, pensem neles como *latusas*.” (LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 17, o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 153). (N. do T.)

nos trouxe o objeto a , creio ser responsável pela formulação: o que fazemos com ele? O que é, mesmo assim, exorbitante, não muito respeitoso em relação à seriedade, à importância do trabalho de Lacan. O que fazemos com ele: isso pode dar a ideia de uma máquina, um treco, um instrumento que poderíamos manipular com um objetivo praticamente utilitário: o que a gente faz com isso? Isso supõe que queremos produzir efeitos e quais efeitos queremos produzir? Será que temos razão de colocar as coisas dessa forma? Não necessariamente, se trazemos também a questão: será que Lacan, claramente ou não – afinal de contas, ele também avançava à sua maneira, ele não sabia tudo desde o início –, mas será que Lacan queria fazer alguma coisa com isso? O que diríamos sobre o que poderíamos supor ser uma previsão feita por Lacan acerca do uso que ele faria disso?

Não é somente a história do objeto a , mas será que isso poderia nos orientar particularmente na direção de que isso serviria, e para que isso serviria? Talvez eu não faça mais do que repetir a questão do início, mas eu lhe coloco a questão e me abstenho de formular uma hipótese sobre essa questão. Eu intervim nesse seminário há dois anos, além disso, o fato de ser um debatedor me fez trabalhar em relação a um ponto que tem a ver com um seminário que eu faço em outro lugar. Eu me permitirei, depois, formular um ponto particular. Mas eu lhe coloco a questão: o que é que Lacan visava? Aí podemos, mesmo assim, introduzir o tema do objetivo, mesmo se o objeto do desejo não se define como o objeto que visamos, mas, quando colocamos uma questão para trabalhar, será que não temos um objetivo? Não sei. O que você pensa disso tudo?

M. D. – Seu objetivo me parece absolutamente claro nesse seminário e no precedente, é um objetivo de tornar a psicanálise científica; objetivo que ele abandonou alguns anos mais tarde. O alvo é formalizar as fórmulas de tal maneira que possamos tratá-las como matemas, como nas ciências exatas as fórmulas com as letrinhas. E o objeto a é tipicamente a escrita de um matema. É uma letra e não tem significação, ele está lá para inscrever algo que é da ordem do real. Aí está! Evidentemente, ele não ficou nessa posição. O que ele esperava? Isso funcionaria como um modelo, essa topologia em torno do objeto a , até “O Aturdito”, tratava-se de construir modelos imitando o que se fazia na física ou mesmo na biologia. Há muitos textos de Lacan que são construídos assim, de modo a formalizar os enunciados. Jean-Claude Milner praticou muito isto, considerar os enunciados de Lacan como axiomas com certa rigidez na sua formulação, que fazia deles axiomas capazes de resistir a todas as variações do meio no qual eles eram mergulhados. Eis aí a que lhe serviria, me parece, construir os matemas, modelos que poderiam ser retomados por outros, podendo transmitir as fórmulas

nas quais se tratava de psicanálise, de maneira a perder o menos possível nessa transmissão. Ele acreditava mais na transmissão pelo matema ou pela topologia do que pelo discurso e pelo significante finalmente.

R. C. – Bem, obrigado por sua resposta. Vou correr um risco, o risco de sugerir que, em Lacan, isso serve também para outra coisa. Sem dúvida, também para isso que você fala, por outro lado. E, quando eu falo disso, quando me pergunto o que Lacan queria fazer e o que ele esperava, não é, evidentemente, da subjetividade de Lacan que eu falo. Eu vou tomá-lo a partir disto, de um efeito – talvez isso não valha nada, mas é preciso correr o risco –, a partir de um efeito que me pareceu absolutamente interessante no que diz respeito ao que poderia conduzir à invenção do objeto *a* para conceber o objetivo da psicanálise.

Parece-me que, se tomarmos os textos anteriores a essa invenção e, em seguida, os textos posteriores, há algo que muda radicalmente. No final do *Seminário A Ética da Psicanálise*, eu vou me permitir ler e em seguida, aliás, deixarei cada um se expressar, eu digo o que eu tenho para dizer. Em que ponto estava Lacan no *Seminário A Ética da Psicanálise*? Ele nos diz:

Coloco a questão – o término da análise, o verdadeiro, quero dizer aquele que prepara a tornar analista, não deve ela em seu termo confrontar aquele que a ela se submeteu à realidade da condição humana? É propriamente isso o que Freud, falando de angústia, designou como o fundo onde se produz seu sinal, ou seja, o *Hilflosigkeit*, a desolação, onde o homem, nessa relação consigo mesmo que é sua própria morte – mas no sentido que lhes ensinei a desdobrar esse ano – não deve esperar a ajuda de ninguém.⁷

Eu me dou conta de que eu não retomei um pequeno trecho da frase⁸, onde é claro que ele fala da realidade da condição humana, ela fala da *Hilflosigkeit*, que ele cita no parágrafo. Quando observamos a representação que Lacan fornece da análise no final do *Seminário A Ética da Psicanálise*, trata-se para o homem de assumir esse desamparo⁹ [*détresse*] – pois *Hilflosigkeit* pode ser traduzida facilmente por desamparo – que é, no fundo, a condição humana, ligada à condição da morte. Existe, num certo número de seminários, a ideia de que a psicanálise conduz o sujeito à assunção da morte, e é assumir de certa forma sua relação com a morte que lhe permite ser analista, isso era antes.

⁷ LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise* [1959-1960]. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 356.

⁸ Roland Chemama, na sua citação oral, omitiu o trecho “[..] ou seja, o *Hilflosigkeit*, a desolação [...]”. (N. do T.)

⁹ A palavra empregada por Chemama em francês, *détresse*, é traduzida em textos de psicanálise como “desamparo”. No *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis, os autores propõem “estado de desamparo” [*état de détresse*] como tradução para *Hilflosigkeit*. (N. do T.)

M. D. – É uma ideia que ele retoma na *Proposição de 67*.

R. C. – Sim, mas na *Proposição de 67* já houve o objeto *a* nesse meio tempo. E na *Proposição de 9 de outubro de 1967* ele nos diz: “A passagem de psicanalisante a psicanalista tem uma porta cuja dobradiça é o resto que constitui a divisão entre eles [...]”¹⁰. Me parece que aí houve uma certa elaboração e que estamos muito longe da simples assunção do ser-para-a-morte, e que estamos muito mais nisso que causa o desejo do que no que faz simplesmente a condição humana, tal como falava no início.

M. D.: Sim, então efetivamente você lembrou essa passagem do *Seminário A Ética da Psicanálise*, onde escutamos as palavras de um certo Heidegger sobre o ser-para-a-morte, etc... e na *Proposição de 67* resta sempre o *Hilflosigkeit*, e em seguida o objeto *a* está presente essencialmente uma vez que se trata da posição do analista que cai no final da análise, como o objeto *a*. Então, efetivamente, é uma maneira para o próprio Lacan de se servir do objeto *a*, a respeito do final da análise e da passagem de analisante a analista. Essa passagem se faz sempre por esse episódio depressivo do qual ele fala, além disso, logo essa proximidade do ser-para-a-morte, essa experiência de ser-para-a-morte não está distante do estado de desamparo, ou como se traduz nas edições da P.U.F., de desajuda [*désaide*¹¹]. Mas é também retomar a ideia de uma travessia da fantasia, onde há uma apreensão direta do objeto *a*. A travessia da fantasia é isso que ele modelava num primeiro tempo pelo circuito do sujeito no esquema óptico entre uma posição ao redor do espelho esférico e uma posição última do espelho plano. Eu não sei se...

X. – É a báscula do espelho plano?

M. D. – Sim. Trata-se da travessia da fantasia, a possibilidade para o sujeito de aceder, ao mesmo tempo, a esse roteiro imaginário da fantasia, a isso que ela articula, essa fantasia, a construção real com a qual o sujeito tem a ver. São ideias sobre o final do tratamento que Lacan retoma, com o objeto *a* efetivamente, mas, fora disso, o que foi que o objeto *a* permitiu no próprio tratamento? Será que, nos tratamentos, efetivamente nos referimos ao objeto *a*?

R. C. – Sim, talvez não se trate unicamente de conduzir o sujeito  assuno da sua condio humana tal como Lacan falava no *Seminário A tica da Psicanálise*, mas que, pelo corte, se ele se d bem, isso abre algo como um acesso menos complicado ao desejo? No fundo, se o objeto *a* nutre o desejo, se o analista está em posio de objeto *a* no tratamento,

¹⁰ LACAN, Jacques. *Proposio de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola* [1968]. In: _____. *Outros escritos*. Traduo Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 248-264. p. 259.

¹¹ A traduo das *Obras Completas* de Freud em francês, editada pela P.U.F., escolheu o neologismo *dsaide* [desajuda] para traduzir *Hilflosigkeit*. (N. do T.)

será que sua intervenção não nutre o desejo, certamente e no melhor dos casos, pelo simples corte?

M. D. – Sim, de fato. Vamos deixar nossos colegas...

Th. R.: – Sim, existem questões na sala, real ou virtual? Real, para começar?

Jorge Cacho – Eu gostaria de acrescentar alguma coisa.

Th. R. – Jorge Cacho, nós o escutamos.

J. C. – Que bom! É que Roland falou do final do *Seminário A Ética da Psicanálise*, e Lacan acrescenta que, no momento em que o sujeito aceita seu destino mortal, e utilizando a fórmula de Heidegger – que não é exatamente o ser-para-a-morte, mas ser-em-direção-à-morte, Heidegger modificou de fato a tradução francesa –, mas o ponto que me parece importante é isso que Lacan acrescenta ao que Roland lembrou, é que, nesse momento em que o sujeito aceita seu destino de ser-em-direção-à-morte, ele não tem nada a esperar de ninguém. É um ponto que me parece, se eu segui bem o que Marc nos propôs esta noite, efetivamente é ... como dizer..., de fato, esse objeto *a* que ele nos apresenta de uma maneira – eu não compreendi muito bem a parte topológica –, mas, enfim, é um objeto que não tem nada a ver com os objetos pulsionais ou as diferentes modalidades da pré-história do próprio conceito; mas será que o fato de que, no final do tratamento, o sujeito não espera mais nada de ninguém não faz entender justamente algo do estatuto desse objeto *a*? É a questão que eu me coloquei. Eis o que eu tinha a dizer.

M. D. – Talvez Roland?

R. C. – Eu não sei, porque isso reenviaria a nos perguntarmos se nos textos aos quais Lacan se refere, particularmente com o *Hilflosigkeit*, não há a ideia de uma perda mais radical, o que faz com que o sujeito não possa estar em outro lugar senão numa espera de que o Outro assegurador intervenha; é mais da ordem de um apelo ao Outro do que uma possibilidade de fazer o contorno do objeto faltante. Há, por exemplo, algo que é preciso dizer. Lacan, no *Seminário A Angústia*, quando quer trazer o objeto *a*, ele o traz por intermédio da noção de “não sem objeto”. A angústia é “não sem objeto”. Talvez se ele o traz dessa forma é porque, em troca, antes, a angústia era, de certa forma, sem objeto, seja em Freud ou na retomada que Lacan faz dela nesse pequeno texto que eu citei. Eu não estou certo de que o objeto esteja aí, ou bem ele está oco, se ousar dizer. Eu não sei...

Martine Lerude – O “não sem objeto” se encontra em Freud – Sim, sim. –, é de fato uma tradução palavra por palavra do adendo *b*, em *Inibição, Sintoma e Angústia*. E é isso que é absolutamente interessante, é esse “não sem”, efetivamente, que vai fazer surgir e que vai

conduzir toda uma dialética, é muito importante o “não sem” em Lacan na forma como ele vai utilizá-lo, não se trata de positivar o objeto. A dificuldade com esse objeto *a* foi a tendência a uma positivação. Então, eu gostaria de colocar uma questão para Marc. Em certo momento, você dizia que o objeto pode ser cedido e intercambiável. Parece-me que, na definição que Lacan vai formular, esse objeto *a* não é passível de ser cedido e nem é intercambiável, com certeza.

M. D. – No *Seminário A Identificação*, ele opõe o que diz respeito aos objetos intercambiáveis e comercializáveis ao objeto *a*.

M. L. – Sim, ele os opõe.

M. D. – Ele os opõe. No *Seminário A Angústia*, ele fala do objeto *a* enquanto o que pode ser cedido. Ele retorna um pouco a essa questão, o que conduz às latusas. Você concorda, Bernard?

Bernard Vandermersch – Bem! Não exatamente! Aliás, no *Seminário de Verão*, eu já chamava a atenção para o fato de que era complicado empregar a mesma palavra, objeto *a*, para designar objetos tão diversos quanto as latusas e esse objeto que foi cedido, perdido para o narcisismo, o que, no limite, não é senão um diferencial de gozo, mas que eu pago para constituir o meu desejo, e no limite a droga, no limite as latusas que transitam onde não há nada a pagar por tudo isso. De início, no *Seminário 9, A Identificação*, ele fala do objeto *a* como objeto da castração, você me dirá que, em seguida, do falo, ele o abandona um pouco, deixa-o um pouco de lado, e isso permite colocar não importa o quê no furo do nó borromeano. Mas creio que é preciso distinguir o furo e o não importa o quê que a gente põe aí. E, a partir do momento em que colocamos aí outra coisa que não seja esse objeto que pode ser cedido certamente, ou seja, que eu devo ceder para o meu desejo, se colocamos aí a droga, vemos bem que é o desejo que é abandonado e, com o desejo, o sujeito – uma vez que a sua questão é se o objeto é um sujeito, não é?, ou o sujeito é o objeto? Não necessariamente, depende como ele é constituído.

O objeto *a* na psicose está lá, dizemos que é a alucinação, é a voz, mas a voz, justamente, não vem jamais enquanto causa do desejo na psicose. Então, não podemos chamar isso de um objeto *a*, ou então é preciso aceitar dizer: objeto *a* é o quê? O que poderia ser comum a tudo isso? Então, um furo, ocupável por não importa o quê? Nesse momento, será que nós não o reenviamos simplesmente ao fato de que a palavra mata a coisa, e que existe no coração do ser um vazio fundamental? Mas não são a mesma coisa, a Coisa e o objeto *a*. No meu entender, há um passo. Em tudo isso, eu fiquei muito interessado pela sua expressão,

“alimentar o desejo”, porque é claro que a droga e as latusas não alimentam o desejo. Elas alimentam o consumo e a carteira do capitalista. Alimentar é divertido, mas com o quê ele alimenta?

M. D. – Com a falta.

B. V. – É isso! Com o nada ou com a falta, com um pouco de ar. O nada, a ser lido como a criação de uma falta a partir de um vazio primeiro, mas seria preciso transformá-lo em falta. Porque o vazio primeiro é o desamparo, o *Hilflosigkeit*. Então, como transformar o *Hilflosigkeit* em uma falta do desejo? E isso deve ser pago, há uma forma de pagamento, um pagamento parcial, alguma coisa a ser paga do narcisismo. Eu penso que é isso, e para mim é essencial à definição do objeto *a*. Por outro lado, o objeto *a* tem uma serventia enorme no tratamento, ainda que seja na interpretação. A interpretação deve fazer escutar um pouco, quer seja no corte ou no equívoco significante, o objeto pulsional que veio nessa função de objeto *a*.

Então, essa é uma questão que eu proponho a você: Eu tenho dificuldade de compreender o que resta do objeto *a* quando nós retiramos os objetos que vêm nessa função de objeto *a*: a voz, o olhar, as fezes, etc. Será que podemos imaginar uma função de objeto *a* que subsistiria – não que tenhamos elucidado, bem entendido, quais objetos *a* funcionaram para a minha fantasia [*fantasme*] –, mas que seria verdadeiramente desembaraçada de... existe ainda uma função pura, independente dos objetos que vêm nesse lugar? Porque você falou há pouco do objeto *a* como um corte, mas o corte destaca alguma coisa. Será que podemos pensar completamente um objeto *a* independentemente desse gozo que veio alimentá-lo, esse gozo a menos, eu quero dizer.

M. D. – Sim, é isso, é um gozo a menos. É um gozo que falta. Lacan diz que é um gozo que falta no Grande Outro. O objeto *a* vem no lugar do Grande Outro barrado. Então, será que podemos efetivamente conceber um objeto *a* que não seja ligado, de alguma forma, ao objeto da pulsão? Não, efetivamente. Mas isso abre à diversidade dos objetos pulsionais e, portanto, à diversidade das estruturas. É um pouco a tentativa de Lacan para religar uma estrutura clínica a uma superfície topológica, que traduz isso, no meu entender. Mas você tem razão; para as latusas, por exemplo, Lacan diz que existe na latusa algo do objeto *a*. É algo que não é unicamente falso, mas que manifesta certa dimensão, que diz respeito ao objeto *a*.

B. V. – É preciso que haja algo em comum para poder tomar o seu lugar, um pouco como os vírus, que encontram a chave para entrar na estrutura. E, por outro lado, uma vez que eles estão aí, como a droga e tudo o mais, isso permanece.

M. D. – Isso posto, a adicção não é o desejo.

B. V. – Sim, porque não é, justamente, o mesmo funcionamento do objeto *a*; em todo caso, não é o objeto da castração, com certeza.

Th. R. – Sim, eu diria mesmo que isso se torna objeto da necessidade, o objeto da adicção. Ora, você dizia justamente que o objeto *a* surge do fracasso do objeto da necessidade. O problema das adicções, das drogas e outras, é que o objeto da necessidade está lá, ele não falhou absolutamente, e, portanto, a dificuldade no tratamento é, precisamente, reencontrar alguma coisa do objeto enquanto físico, ou seja, do objeto *a*, e se o analista poderia ocupar, talvez, esse lugar na transferência, seria uma pista para passar do objeto da necessidade ao objeto do desejo, mas ainda é preciso que haja transferência, evidentemente.

B. V. – Eu também creio que essa invenção, foi Melman que o disse, o tratamento [inaudível ...] paranoico, não essa dissimetria, mas essa heterogeneidade fundamental entre o sujeito e o objeto, é algo que permite no tratamento evitar as interpretações, que a gente interprete. Eu creio que isso é um enorme progresso. Eu não sei se Lacan o dizia, mas, em todo caso, é um efeito colateral absolutamente importante.

Th. R. – Há ainda uma pergunta, seja aqui na sala, seja na sala do Zoom?

Nathalie Delafond – Talvez uma questão para Marc, uma vez que seu título era: “O objeto é um tema?” Eu não sei o que você tinha em mente ao dar esse título, mas será que isso recobre a questão que você colocou, sem verdadeiramente tratar, na minha opinião, da diferença entre o objeto-causa e o objeto do desejo? Perdão, só para dar uma ilustração clínica, eu me lembro que Lacan, quando comentava o caso Dora, falava do Sr. K como sendo o objeto *a* de Dora, enfim, seu eu, ou seja, o objeto *a*, é um dos aspectos da questão, no meu ponto de vista. Sim, é bizarro dizer isso, mas eu creio que é em *A Angústia* que ele comenta Dora, enfim, não sei mais.

M. D. – Sim, então você lembra isso que você encontra no meu título, meu título era porque, na língua [francesa], o tema [sujeito¹²] é um objeto. Poderíamos responder: qual é o tema [sujeito] dessa pesquisa? O tema [o sujeito] é meu objeto.

Th. R. – Ainda há uma última pergunta?

N. D. – Mas há uma outra parte da pergunta.

M. D. – Sim. O objeto de amor. O objeto de amor é idealizado pelo fato de conter o objeto *a*, de ser suposto de contê-lo, porque evidentemente... poderíamos dizer que é um

¹² Vide nota do tradutor sobre o título. (N. do T.)

efeito do objeto *a*, ao mesmo tempo se iludindo mais ou menos quanto ao fato de que esse objeto de amor vem revestir o dito objeto como no *ágalma*.

N. D. – Sim, mas então, finalmente, será que é um objeto de amor ou um objeto do desejo, porque você levantou esta questão – objeto-causa do desejo ou objeto do desejo? Foi isso que Marc disse, eu acho, não?

M. D. – Sim, objeto-causa do desejo... Por exemplo, numa fórmula que descreve o amor como “eu te peço que recuses o que eu te ofereço porque não é isso”, há ao mesmo tempo esse amor que traduz o fato – há uma frase muito bela de Lacan no *Seminário A Angústia*, que fala do amor como suscitado por uma falta que estaria dos dois lados, eu não sei se é algo que você... É dizer ao Outro: sua falta, eu a vejo também, é uma forma de apresentar o amor como ligado ao objeto *a*.

R. C. – Eu não sei se é Lacan e se é nesse Seminário, mas é na vida! É profundamente verdadeiro que o amor é isso. Existe essa escritora mulher, brasileira, eu esqueço sempre seu nome, que define o amor como o compartilhamento de duas solidões, é uma forma particular de apresentar a falta, mas é isso! É bem que duas faltas possam entrar em comunicação. Clarice Lispector, eis o seu nome.

Th. R. – Bem, está na hora, a menos que haja uma última pergunta rápida, senão vamos agradecer a Marc por sua exposição, que introduz muito bem o ciclo, e também agradecer a Roland. Na próxima vez, teremos uma exposição de Paula Cacciali, com uma discussão de Christiane Lacôte-Destribats. Bom final de noite.

X. – Eu teria uma observação, se você tiver ainda três segundos.

Th. R.: Bom, pode fazer. Eu não sei quem fala.

X. – É Isabelle Richard. Me parecia que podíamos juntar a pergunta de Roland Chemama e a de Bernard Vandermersch: qual seria o objetivo de Lacan com o objeto *a*, e qual seria a função pura do *a* minúsculo, e também me parece que poderíamos juntar essas questões por Lacan, que teria sido a conjunção das duas questões; com o objeto *a* e, ao mesmo tempo, respondido pelo real – os cientistas buscam nomear um real que já estaria lá. Mas o que Lacan nos traz é que, talvez no um por um, poderíamos responder ao real por uma invenção, uma criação que poderia, talvez, fazer no final da análise, se suportamos o sem-garantia, a afânise do sujeito e, como diz Beckett, falhar pior. Eis o que eu queria dizer.

Th. R. – Obrigado, bom final de noite.

|